Projeto de Iniciação Científica submetido para avaliação no Edital: 04/2022

**Título do projeto:** O discurso de ódio e a proibição do outro: uma reflexão filosófica sobre os incômodos e resistências à linguagem neutra

**Palavras-chave do projeto:**linguagem neutra, discurso de ódio, políticas antigênero, sujeito

**Área do conhecimento do projeto:**filosofia; teoria queer

Sumário

[1. Resumo 3](#_heading=h.gjdgxs)

[2 Introdução e Justificativa 4](#_heading=h.30j0zll)

[3 Objetivos 4](#_heading=h.1fob9te)

[4 Metodologia 7](#_heading=h.3znysh7)

5 [Cronograma de atividades 9](#_heading=h.tyjcwt)

6 [Referências 10](#_heading=h.3dy6vkm)

# **1. Resumo**

A linguagem neutra surge enquanto reivindicação da utilização de pronomes neutros em uma luta por direitos e visibilidade de pessoas trans não-binárias, ou seja, pessoas que não se enquadram no binário de gênero masculino e feminino. Dita reivindicação é contestada por projetos proibitivos de sua utilização, estratégia característica de cenários políticos de conservadorismo, os quais a partir da última década tem mobilizado uma ofensiva antigênero ao redor do mundo. Neste trabalho, pretendemos oferecer uma reflexão filosófica sobre os incômodos e resistências que a linguagem neutra gera através de uma análise crítica da teoria do discurso de Judith Butler – particularmente no seu estudo dos discursos de ódio – em conversação com pesquisas e estudos de dados sobre políticas antigênero, em especial os disponibilizados pelo Observatório de Sexualidade e Política (Sexuality Policy Watch). Este projeto será desenvolvido vinculado ao Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia.

# **2. Introdução e Justificativa**

A linguagem neutra tem se demonstrado uma pauta relevante no debate público e político brasileiro dos últimos anos. Essa linguagem surge na luta de pessoas transgêneras não-binárias por representatividade na sociedade através de reivindicações por uma linguagem que seja mais inclusiva, de modo a abranger uma parcela da população que, até então, permanece invisibilizada nos discursos. As regras gramaticais da língua portuguesa preveem o uso da flexão masculina ao se discursar sobre um grupo de pessoas, independentemente se esse grupo é composto majoritariamente por mulheres - o que para o movimento feminista não tem sido senão uma demonstração masculinista de poder (LAU, 2017).

Desde então, esse movimento tem resultado em amplos debates sobre o tema e, em um cenário político de conservadorismo que reflete as políticas antigênero no mundo (CORRÊA, 2020), desencadeia até tentativas de proibições acerca de sua utilização. No Brasil, há várias discussões político-parlamentares pela proibição da utilização da linguagem neutra nas escolas, nas quais as alegações contra a utilização dessa linguagem se concentram em duas justificativas: uma mais modesta, de que o ensino das regras gramaticais da língua portuguesa é um direito de todos os estudantes, onde a linguagem neutra seria o impeditivo deste acesso; e outra mais abertamente conservadora, de que a escola deve ser isenta de ideologias. (ABIA, 2021).  O debate público, em sua maioria, também se coloca contra a utilização do pronome neutro e da linguagem neutra, tendo os mesmos argumentos e outros, ao indicar que seu uso no cotidiano é algo impraticável e/ou excludente.

Diante desse intensificado cenário de debates sobre a linguagem neutra, neste presente trabalho pretendemos oferecer uma reflexão filosófica sobre os incômodos acerca de sua utilização através do estudo da teoria do discurso da filósofa e uma das principais pensadoras da teoria queer Judith Butler (1956-), principalmente em seu trabalho *Discurso de ódio: Uma política do performativo* (2021). Em sua obra, Butler busca entender como funciona o mecanismo dos discursos de ódio enquanto um dispositivo que reitera forças maiores que os sujeitos que estão se constituindo na linguagem. Para a autora, o discurso de ódio é uma ferramenta que o Estado, a polícia, alguma grande esfera da vida social, utiliza para controlar os sujeitos. Butler coloca que quando o discurso de ódio ocorre, ele não é apenas ferramenta coercitiva de algum pilar da sociedade, mas também um agente formativo à quem ele se dirige. Isso acontece porque quando alguém chama o outro de algum nome, esse chamamento o constitui e ao mesmo tempo traz ao outro um reconhecimento sobre si. Dessa forma, esse reconhecimento forma o sujeito e não só o controla como também manipula suas formas de autoconhecimento.

Sendo então que o chamamento a partir de outros/as/es traz as pessoas à sua constituição, podemos pensar que tentativas de proibições acerca da demarcação neutra do gênero, que podem estar embebidas em uma coerção resultante do Estado ou de outras esferas da vida social, buscam invisibilizar as pessoas não-binárias, negando transgeneridades? A linguagem neutra surge enquanto reivindicação, mas é algo que desemboca em toda a sociedade, se considerarmos que o gênero é uma prática à qual todos temos que responder (BUTLER, 2018). Assim, se pensarmos sobre a implementação de meios de impedir que se chame outras pessoas com pronomes neutros, seria esse um esforço em impossibilitar as múltiplas existências transgêneras, em especial aquelas que não correspondem exatamente ao binarismo de gênero? Neste projeto buscaremos trazer à tona essas problematizações que surgem cada vez mais latentes em cenários políticos de conservadorismo para compreender melhor os dispositivos e o funcionamento do discurso de ódio em torno do uso da linguagem neutra.

# **3. Objetivos**

Os objetivos do presente projeto são:

1. Objetivo geral:

* oferecer uma reflexão filosófica sobre os incômodos e resistências que a linguagem neutra gera através de uma análise crítica da teoria do discurso de Judith Butler em conversação com pesquisas e estudos de dados sobre políticas antigênero.

1. Objetivos específicos:

* examinar as operações que a linguagem neutra desenvolve nas sociedades atuais embebidas de conservadorismo;
* contextualizar as resistências à linguagem neutra dentro das políticas antigênero contemporâneas na região e no mundo;
* estudar as consequências da compreensão que Judith Butler tem sobre a constituição do sujeito no discurso, particularmente em sua análise dos discursos de ódio.

# **4. Metodologia**

A metodologia a ser utilizada para a realização da pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica a propósito do debate sobre a linguagem neutra em conversação com o desenvolvimento de uma hermenêutica crítica da proposta de Judith Butler, principalmente em seu trabalho *Discurso de Ódio – uma política do performativo* (2021)*,* mas também em seus trabalhos *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018)e *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2015)*.* Em conjunto com essa selecionada biografia de Judith Butler, serão utilizadas pesquisas e estudos de dados sobre políticas antigênero ao redor do mundo, em especial as disponibilizadas pelo Observatório de Sexualidade e Política (*Sexuality Policy Watch*). Os aprendizados da pesquisa serão compartilhados com integrantes do Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia através da participação em seminários ou outras atividades do dito Núcleo.

# **5. Cronograma de atividades**

1. Revisão bibliográfica dos debates sobre linguagem neutra - setembro/novembro 2022.
2. Contextualização das resistências à linguagem neutra a partir da análise de estudos de dados sobre políticas antigênero ao redor do mundo a partir de relatórios disponibilizados pelo Observatório de Sexualidade e Política (SPW), fórum global composto de pesquisadoras/es e ativistas de vários países e regiões do mundo – dezembro 2022/fevereiro 2023.
3. Estudo de textos selecionados dos livros *Discurso de Ódio, Relatar a Si Mesmo* e *Problemas de Gênero,* de Judith Butler – Fevereiro/Maio 2023.
4. Finalização do relatório parcial – Março/2023.
5. Discussão e articulação dos debates sobre linguagem neutra a partir da proposta de Judith Butler nos textos estudados. Junho/Setembro 2023
6. Finalização do artigo resultante da pesquisa e do relatório final – Setembro/2023.

|  |  |  |  |  |  | Mês |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Etapa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 1 | X | X | X |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| 2 |  |  |  | X | X | X |  |  |  |  |  |  |
| 3 |  |  |  |  |  | X | X | X | X |  |  |  |
| 4 |  |  |  |  |  |  | X |  |  |  |  |  |
| 5 |  |  |  |  |  |  |  |  |  | X | X | X |
| 6 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  | X |

# **7. Referências**

ABIA - Observatório de Políticas de Sexualidade; Ação Educativa; Gênero e Educação; ABGLT; ANTRA; CLADEM; CONECTAS; Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT+ da Universidade Federal de Minas Gerais; IPAS. OFENSIVAS ANTIGÊNERO NO BRASIL: POLÍTICAS DE ESTADO, LEGISLAÇÃO, MOBILIZAÇÃO SOCIAL. Brasil. 2021. Disponível em < <https://sxpolitics.org/ptbr/ofensivas-antigenero-no-brasil-politicas-de-estado-legislacao-mobilizacao-social/12156> >

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo : Editora Unesp Digital, 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CORRÊA, Sonia. Entrevista: a ofensiva antigênero como política de Estado. [Entrevista concedida a] Conectas. Conectas Direitos Humanos, São Paulo, março, 2020. Disponível em: <<https://www.conectas.org/noticias/ofensiva-antigenero-politica-estado/>>

LAU, Héliton. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? Não! A voz “delus”. In: *V Simpósio Internacional em Educação Sexual: saberes/trans/versais currículos identitários e pluridades de gênero*, 2017. Disponível em < <http://eventos.idvn.com.br/sies2017/trabalhos/3112/o-uso-da-linguagem-neutra-como-visibilidade-e-inclusao-para-pessoas-trans-nao-binarias-na-langua-portuguesa-a-voz-adelsa-ou-adelxsa-nao-a-voz-adelusa> >